



A photograph of an elderly man's arm and hand in a field of flowers. The man is wearing a light-colored, short-sleeved shirt. His arm is extended, and his hand is visible at the bottom left. The background is a lush field of green plants with small white and blue flowers. The lighting is soft and natural, suggesting an outdoor setting.

Dois estranhos  
precisando de um  
transplante renal  
formaram

# O par perfeito

POR MICHAEL RYAN

FOTOGRAFADO POR JOHN MADERE

Os Pollettas e os Scotts –  
agora uma só família.

**F**OI EM 2002 que Tracy Scott percebeu que estava na hora de parar de andar descalço. Seus dedos sofriam com as topadas, às vezes sangravam e ele nunca sentia a dor ou percebia o sangue. Efeito da diabetes, que estava afetando os nervos de seus pés.

Durante as férias, ao voltar da praia, depois de nadar, atravessou o asfalto quente com os sapatos nas mãos até a casa de praia da família. Achou o chão da cozinha escorregadio e pensou que estivesse molhado. Foi sua filha Ashley que detectou o problema: Tracy não percebera o quanto o asfalto estava quente e sofreu queimaduras de segundo grau na sola dos pés. Eram as bolhas em sua pele que o estavam fazendo escorregar.

Tracy tinha 40 anos quando recebeu o diagnóstico de diabetes insulino-dependente. Seus sintomas eram clássicos: estava perdendo peso, embora comesse mais do que o normal; tinha uma sede exagerada; e tudo que queria fazer era dormir. Achou que era gripe.

Sua mulher, Robin, insistiu que fosse ao médico. Ela sabia que a família tinha um histórico de diabetes – o pai, um irmão e o avô dele eram diabéticos. Mas só quando estava deitado no chão da sala uma noite, tentando assistir à televisão com as filhas Ashley, na época com 8 anos, e Elizabeth, com 11 anos, é que Tracy teve de admitir que algo estava mui-

to errado. Por mais que tentasse, não conseguia ficar acordado.

A confirmação do diagnóstico chegou rapidamente. Tracy enfrentou o problema com calma. Robin, porém, chorou por vários dias, muitas vezes saindo sozinha para que Tracy e as meninas não percebessem. Ela não queria preocupá-los. Sabia que a vida de todos estava prestes a mudar e que podia perder o marido para essa terrível doença.

Tracy sofria de uma forma particularmente grave de diabetes. Conseguiu controlá-la por 18 meses, modificando a alimentação e tomando remédios. No entanto, nessa época começaram a surgir os efeitos colaterais – sobretudo câibras. Quando por fim consultou um especialista, a nefrologista Olga Voroshilova, sua função renal era de apenas 30%. Não havia dúvida de que ele precisava de um transplante de rim.

Transplante de rim? Tracy e Robin sabiam tudo sobre as complicações da diabetes – amputação de membros, perda de visão, morte prematura. Mas ninguém havia mencionado transplante.

PARA ROSARIO Polletta, a hora da verdade veio quando se deu conta de que os problemas que estava tendo – cansaço extremo e dores intensas nas articulações, especialmente nas mãos – não tinham ligação com envelhecimento ou lesões de esportes. O ex-jogador de futebol no colégio trabalhava cortando carnes num supermercado quando os sintomas co-

meçaram a surgir. A dor enfim o levou a consultar um especialista. O diagnóstico? Lúpus, uma doença auto-imune que pode destruir órgãos internos e encurtar a vida. Rosario tinha 21 anos.

Nessa época, Rosario estava noivo de Susanna Guerrero. Tinham se conhecido num casamento da família e ele soube de pronto que aquela linda moça bem-humorada seria um dia sua mulher.

Seu médico o aconselhou a não se casar e o avisou de que talvez não pudesse gerar filhos. “O médico me dis-

soube que estava grávida. Quando Tina nasceu, Rosario não podia estar mais feliz. Seis semanas depois, Susanna estava grávida novamente. Nervosos, comunicaram ao médico de Rosario. “Que beleza!”, exclamou ele, que estava prestes a submeter Rosario a um tratamento com um medicamento que o tornaria estéril. O momento era oportuno. Rose, sua segunda filha, chegou em apenas 11 meses.

Por 15 anos, Rosario continuou a trabalhar enquanto lutava contra o lúpus. Com as duas filhas na faculda-

## Tracy, diabético, estava piorando. Mas... um transplante?

se: ‘Você tem uma linda namorada. Por que arruinar a vida dela? Ela é jovem. Pode ter uma vida promissora, filhos, com outra pessoa’”, recorda Rosario. “Desisti do casamento.”

Susanna, porém, não concordou. “Está louco?”, ela perguntou. “Eu sabia que seria difícil, mas estava apaixonada.” Convencidos de que poderiam enfrentar qualquer problema juntos, casaram-se na presença dos amigos e parentes mais próximos – uns 500 deles.

Seis meses depois, Rosario teve uma fase de maior atividade do lúpus. A biópsia revelou que seus rins já estavam prejudicados. Ele precisaria de um transplante dentro de cinco a dez anos.

Onze meses mais tarde, Susanna

de, Susanna de volta ao trabalho numa companhia de seguros e com a casa de três andares que tinham construído na tranqüila Watertown, os Pollettas estavam muito bem. Mas o corpo de Rosario estava se voltando contra ele mesmo.

Ele suportou remédios que lhe davam enjôos e causavam visão dupla. Travou uma luta contra um câncer de bexiga. E depois o lúpus começou a atacar seu coração. Precisou de duas angioplastias e quatro *stents* para desobstruir as artérias.

O Dr. Joseph Renda, nefrologista de Rosario, teve uma conversa franca com o casal. Seus rins estavam falhando. Era hora de fazer planos para um transplante. Ele olhou diretamente para Susanna e perguntou:

- O quanto você ama seu marido?
- Muito - respondeu Susanna, sem saber aonde ele queria chegar.
- O bastante para doar-lhe um rim?

Susanna nem tinha pensado nessa possibilidade, mas concordou imediatamente.

- Farei o que quer que seja para salvar a vida de meu marido.

Rosario começou a chorar.

- De jeito nenhum - disse ele.

Não deixaria que as filhas corressem o risco de perder ambos os pais.

No entanto, Susanna estava resolvida. Até ali, seu casamento tinha sido uma montanha-russa. Embora o marido tivesse mantido uma fachada de otimismo enquanto sua saúde piorava, ela sabia o quanto ele estava com medo. Ela ia doar-lhe o rim. "Eu amava Rosario demais para desistir dele", conta.

**R**OBIN SCOTT, professora do primeiro ano com um sorriso afetuoso e envolvente, estava casada com Tracy havia 22 anos. Estava acostumada a enfrentar ao lado do marido tudo que a vida lhes apresentasse. Mas... um transplante?

Ela sempre considerou o marido um homem ativo, vibrante. Até pouco tempo atrás, ele passava os verões cortando e arrumando pilhas de lenha de dois metros de altura no terreno de sua centenária casa em Chichester. Agora isso estava além de

suas forças. "Ele ficava mais fraco a cada dia, diante dos meus olhos", contou ela.

Finalmente Tracy iniciou a diálise peritoneal. Quatro vezes por dia, com a ajuda de Robin, ele se conectava a um aparelho que injetava um líquido em seu abdome, limpando as toxinas que os rins não conseguiam mais filtrar.

Tracy tinha sofrido bastante. Submetera-se a uma operação para retirar pedras nos rins e a várias cirurgias a *laser* nos olhos.

A frequência de seus desmaios, causados por quedas na pressão arterial e na taxa de açúcar no sangue, estava aumentando e assustando Robin e as meninas. Havia dias em que Robin acordava e o encontrava desmaiado no chão do banheiro.

Numa manhã de frio intenso, Tracy, gerente de uma empresa de transportes, saiu do escritório em mangas de camisa. Tinha de mostrar rapidamente a um dos motoristas como fazer um ajuste numa *van*. Mas começou a entrar em coma diabético. Enquanto ele lutava com a chave na fechadura, tentando entrar de volta no prédio da manutenção, o motorista o deixou para buscar ajuda.

Ninguém sabe por quanto tempo Tracy ficou exposto ao tempo gélido. Talvez uma hora. Suas extremidades estavam tão frias que os paramédicos da ambulância não conseguiram medir os níveis de açúcar em seu sangue.

Na ocasião em que o médico de Tracy o encaminhou à Dra. Nina



Tolkoff Rubin, diretora médica de diálise e transplante renal do Hospital Geral de Massachusetts, a função renal de Tracy tinha baixado para apenas 5%. Na melhor das hipóteses, eles provavelmente poderiam mantê-lo em diálise por outros quatro ou cinco anos – esse era o tempo na lista de espera por rim de doador morto –, mas o transplante era inevitável.

“Isso é inaceitável”, disse Robin. Ela sabia que o marido não agüentaria mais cinco anos. Então se ouviu perguntando: “E se eu doasse meu rim?” Vinte minutos depois, ela estava sendo submetida aos exames de compatibilidade.

O grupo sanguíneo e os tecidos devem combinar para que o transplante seja possível. Como um doador da família não era uma opção viável para Tracy, ficaram arrasados

**Robin (segunda a partir da direita) diz e Susanna (à esquerda) concorda: “O que eu fiz foi doar um rim ao meu marido.”**

quando souberam que Robin não era compatível. “Estávamos vendo nosso pai morrer”, recorda Ashley, chorando. “E não havia nada que pudessemos fazer.”

As chances de encontrar um doador eram poucas. Não há rins de doadores mortos em número suficiente para atender à demanda e eles ainda têm mais probabilidade de falhar do que os rins de doadores vivos.

Tracy tentou manter o ânimo, seguindo sua rotina, indo trabalhar todos os dias, muito embora se sentisse “um lixo”. Um planejador por natureza, estava limitado a viver um dia de cada vez. A ansiedade de Robin aumentava, e tudo se resumia a

uma questão de certo ou errado para ela. “Algo mais precisava ser feito”, conta Robin. “Nossas filhas e eu precisávamos saber que Tracy estaria presente em nossas vidas.”

**Q**UANDO SOUBE que sua função renal estava piorando rapidamente, Rosario obteve o nome da maior especialista em transplantes da Nova Inglaterra: a Dra. Nina Rubin.

“A médica sugeriu: ‘Talvez sua mulher seja generosa o bastante para doar um rim’”, recorda Susanna. Rosario já aceitava melhor a idéia, mas os exames mostraram que Susanna, assim como Robin, não era uma doadora compatível com o marido. “Eu disse: ‘Deve haver um jeito de você usar meu rim. Minhas filhas querem um pai.’”

A Dra. Rubin se empenhou em buscar uma solução. Trabalhando com o Banco de Órgãos da Nova Inglaterra, ela solicitou os tipos de tecido dos dois casais e, com a ajuda de um técnico, analisou os resultados e descobriu um fato surpreendente: cada mulher era compatível com o marido da outra. A Dra. Rubin não questionou se os dois casais estariam dispostos a assumir o risco. Tinha conversado o suficiente com as mulheres para saber: elas fariam o que fosse preciso para dar aos maridos uma chance de ter uma vida normal.

O DIA 25 DE fevereiro de 2003 amanheceu frio e claro em Boston. Ape-

sar do vento gelado, Robin e Tracy Scott, com as duas filhas, Elizabeth e Ashley, caminharam a curta distância que separava o hotel da entrada principal do Hospital Geral. Apenas os quatro. Enquanto isso, os Pollettas tinham chegado numa *van* repleta de parentes.

Os dois casais vestiram camisolas cirúrgicas azul-claras com bolinhas antes de se reunirem numa sala de espera em forma de L. Os Pollettas estavam contando piadas para levantar o ânimo uns dos outros quando Robin entrou e disse: “Estou pronta!”

Susanna Polletta envolveu Robin nos braços, num *abbraccio* italiano. Elas já tinham se encontrado numa consulta anterior. “Eu a beijei”, Susanna recorda. “É o jeito italiano de dizer ‘Obrigada’.”

Tracy, entretanto, encontrava os Pollettas pela primeira vez. Se recusara a fazê-lo antes, preocupado que a troca não funcionasse. Naquela manhã, porém, ele decidiu que era a hora. A saudação foi breve, até desajeitada, mas ficou claro para todos o quanto estavam gratos pelo que estava prestes a acontecer.

“Eu estava doando um rim para o meu marido”, diz Robin, relembrou. “Não parecia que o estava doando a um desconhecido.” Susanna se sentia da mesma forma.

Pode parecer muito simples. No entanto, os dois casais estavam prestes a se submeter a um procedimento médico muito complicado. Quatro grupos de cirurgiões, enfermeiros e anestesistas se reuniram em centros

cirúrgicos contíguos para executar uma extraordinária coreografia.

Enquanto esperava para ser levado para o centro cirúrgico, Rosario se viu tomado pela preocupação.

– E se não der certo? – perguntou à mulher.

Susanna brincou:

– Não estou preocupada com você agora. E se não der certo para Tracy?

SUSANNA FOI a primeira a ser chamada para a cirurgia. Saudou animadamente a todos antes de ser levada para o centro cirúrgico, onde equipes médicas removeram um rim saudável de seu abdome. Uma segunda equipe transplantou o rim de Susanna no corpo de Tracy, ligando-o a vasos sanguíneos que se estendem para a perna. Em seguida, as demais equipes repetiram esses passos, des-

ta vez retirando um dos rins de Robin e transplantando-o em Rosario.

AS CIRURGIAS transcorreram sem nenhuma dificuldade. Há uma boa chance de que o transplante possa livrar Rosario do lúpus para sempre. Tracy Scott diz que se sente ótimo. No entanto, está na lista de espera de doação de pâncreas. É sua única esperança de viver completamente livre da diabete.

Os dois têm de retornar ao Hospital Geral para exames regulares e costumam ajustar os horários das consultas para poderem se encontrar. Os casais falam de fazer uma reunião, talvez um churrasco ou um jantar, mas concordam que não há pressa.

Por ora, estão só relaxando e aproveitando a vida. Quase normal novamente – algo que sabiam que aconteceria. Só não sabiam como.

## DIFÍCIL UMA VÍRGULA!

*Por mais tolo que possa parecer, a vírgula pode causar todo tipo de problemas se for mal empregada. Por exemplo, se a pontuação tivesse sido colocada nos lugares corretos nas seguintes frases teria poupado um policial de receber olhares desconfiados e alertado leitores sobre um homem robusto, em vez de um homem barbudo:*

Receba instruções de como se salvar do agente Ronald Yanica da Polícia Estadual de Maryland.

Cumberland Times-News, enviado por MARY L. YOUNG

As autoridades informaram que o assaltante é um homem de 1,80 metro de altura, branco com barba pesando aproximadamente 100 quilos.

The Frederick News-Post, enviado por EDWARD K. RICE

